

Em nosso décimo ano de publicações regulares, temos motivos para comemorar. Contamos, hoje, com uma demanda de artigos de autores reconhecidos na área, que nos enche de orgulho. Nosso trabalho está sendo valorizado por nossos colaboradores, que nos honram com contribuições primorosas. Enfim, estamos muito felizes com o resultado alcançado nesses dez anos.

Este número reúne diversos temas relevantes. Abrimos com uma temática que vem preocupando muito nossa sociedade, “Violências nas escolas: responsabilização de quem?” de autoria de *Romilda Teodora Ens, Rudinei Ribeiro e Jociane Emília Silva Geronasso*. Os autores analisam o tema com base nos textos disponibilizados nos anais de um congresso no período dos últimos dez anos, o que confere grande amplitude a suas conclusões. A análise dos artigos aponta para: motivos das violências, formas de superação, papel das escolas e formação do professor. Os resultados mostram a responsabilização da escola pelos males sociais e/ou atribuição do compromisso pela criação e desenvolvimento de estratégias de superação dos dilemas causados pelas violências.

Pensar em violência sugere pensar em liberdade. Segue-se o artigo de *Bárbara Hees Garré e Paula Corrêa Henning*, “Enunciados de liberdade: colocando em suspenso as metanarrativas humanistas de autonomia e emancipação”. O estudo problematiza de alguns discursos educacionais recorrentes na atualidade, especialmente os narrados pela Pedagogia Humanista Libertadora de Paulo Freire, em algumas de suas obras. As autoras analisam o conceito de liberdade em Paulo Freire, sob o referencial teórico de Michel Foucault na tentativa de lançar outras possibilidades para entender as relações de poder e os atravessamentos que vão produzindo e constituindo a Educação.

O terceiro artigo debruça-se em analisar pesquisas sobre infância e educação publicadas no Brasil, no período de 2000 a 2009, “Infância e educação: um olhar sobre as crianças nas pesquisas científicas” de *Mariana Parro Lima*. A ênfase do estudo recai sobre a importância de se trabalhar com as crianças a fim de dar visibilidade aos seus sentimentos, falas, gestos e expressões, vendo a educação como um acontecimento na vida de todos, professor e crianças.

O artigo “O Ruralismo Pedagógico: uma proposta para organização da escola primária rural”, de *Elizabeth Figueiredo Sá e Marineide Oliveira da Silva*, debate o que veio a ser chamado de Ruralismo Pedagógico, que tinha como objetivo principal propagar uma escolarização que integrasse o homem às condições regionais e o fixasse no campo. Observaram que, no período caracterizado pela pesquisa, houve ampla defesa da escola rural e também uma expansão considerável dessas instituições em todo estado de Mato Grosso, não garantido, porém, a qualidade da escola do campo.

Um estudo sobre as representações de morte por uma aluna do Ensino Médio faz presente uma discussão tabu dentro das escolas. O artigo “É preciso falar sobre a morte. Alguém escuta? A escrita de si como alternativa ao silenciamento da escola em relação à dor do aluno enlutado” de *Jurienne Pereira da Silva e Márcia Aparecida Amador Mascia* avalia o

silêncio imposto por esse tabu e a oportunidade da fala no interior deste espaço interdito daquele que sofre uma perda.

Segue a esses uma sequência de quatro artigos dedicados à formação de professores. Em “A formação ética do educador: competência e juízo moral de graduandos de pedagogia”, *Rita Melissa Lepre, Alessandra de Moraes-Shimizu, Patrícia Unger Raphael Bataglia, Maria Cláudia Cabrini Grácio, Sebastião Marcos Ribeiro de Carvalho e Jaqueline Barbosa Oliveira* desenvolvem um estudo sobre a questão ética da formação. A pesquisa investiga a moral junto a alunos dos primeiros e últimos anos dos cursos de Pedagogia de duas universidades do Estado de São Paulo. Concluem que o processo de formação não propicia a estes alunos reflexões sobre os problemas morais.

“A formação docente à luz da metáfora do Storyteller: a outra margem de compreensão?” de *Cristiane Ludwig* discute as dicotomias da tradição metafísica – corpo-alma, essência-aparência, sujeito-objeto – em projetos ligados ao campo da educação. A autora procura interpretar o pensamento de Hannah Arendt como elo hermenêutico de compreensão da formação, diante de um cenário de crise dos fundamentos metafísicos no campo da educação. Preconiza que a metáfora do storyteller produz uma narrativa para além do aspecto cognitivo, na medida em que reafirma o diálogo entre as diferentes culturas e incorpora uma perspectiva mais ampla do processo formativo, tornando possível renovar a ideia de mundo comum, o que (re)acende o diálogo entre Filosofia e Educação em um horizonte profícuo.

Em “Ensino de artes visuais: entre pesquisas e práticas”, *Luciana Gruppelli Loponte* analisa o ensino de artes visuais no cenário brasileiro, destacando a importância e a necessidade do amadurecimento das pesquisas da área de arte e educação, levando em conta a desejável conexão da crescente produção acadêmica da área com as práticas pedagógicas presentes no contexto escolar, em especial nas escolas públicas. O artigo aponta a possibilidade de construção de novos cenários estéticos para as artes na escola, menos apaziguadores.

Ainda sobre artes visuais, *Cássia Geciauskas Sofiato* discute em “Um olhar para a formação em Artes visuais no Brasil do século XIX: raízes históricas” o contexto de formação em artes visuais no século XIX no Brasil, tendo em vista os referenciais europeus que influenciaram o período e a realidade brasileira. Verifica que o século XIX foi determinante para o desenvolvimento das artes visuais e da cultura no Brasil, tendo em vista todas as mudanças políticas, econômicas e sociais ocorridas neste período a partir da vinda da família real portuguesa para o país.

No artigo “Desafios contemporâneos para a incorporação das TIC nos processos do ensino e da aprendizagem” de *Mônica Piccione Gomes Rios, Klínger Luiz de Oliveira Sousa, Ortenila Sopelsa e Mirelle Araujo Casagrande* investigam uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) nos processos do ensino e da aprendizagem do ensino fundamental em escolas públicas de uma região específica. Constataram que professores e gestores reconhecem o potencial das TIC para favorecer os processos do ensino e da aprendizagem, ainda que não haja relação direta com os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). Deixam clara a necessidade de oferecer formação para os educadores, de modo que seja efetivada a gestão escolar das TIC.

Finalizando a seção, *Maurício Bronzatto, Kleber Tuxen Carneiro, Eliasf Rodrigues de Assis e Ricardo Leite Camargo* refletem no ensaio teórico “Considerações sobre a relação sujeito-objeto em Pierre Bourdieu” de sobre a relação sujeito-objeto nos domínios das ciências humanas. São apresentadas as noções de habitus, campo e poder simbólico, conceitos-chave na obra bourdieuniana.

A seção resenha apresenta dois trabalhos: André Filardi discute o livro “O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual.”, de Jacques RANCIÈRE, e Maria Aparecida Rodrigues de Souza, Shirley Carmem da Silva, Lázara Lisboa da Costa Mendonça e Gilda Aparecida Nascimento Nunes apresentam o livro “Educação, Cultura e Criança” da autora Carmem Maria Aguiar.

Lembramos aos colegas pesquisadores que o nosso próximo número será temático sobre REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS PROCESSOS EDUCACIONAIS, conforme anunciamos. As contribuições para este número já foram encerradas. A publicação de outubro próximo, no entanto, ainda está aberta a submissões e não é temática.

Rio, 28 de maio de 2014

Monca Rabello de Castro

Editora Responsável